

DISCUTINDO ÉTICA ATRAVÉS DE FILMES: UMA EXPERIÊNCIA EM PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

*EN DISCUTANT L'ÉTHIQUE À TRAVERS DES FILMS:
UNE EXPÉRIENCE EN PRATIQUES DE FORMATION*

Maria Letícia de Paiva JACOBINI¹
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

RESUMO

O texto busca relatar a experiência pedagógica do ensino de Ética para grupos de universitários em uma modalidade de cursos denominados Práticas de Formação na PUC-Campinas. Inicialmente coloco a dificuldade de ministrar aulas de Filosofia para classes numerosas no sentido de que estas não propiciam ambientes para o debate de conceitos, estando os alunos, muitas vezes, na situação de apenas passar pela disciplina para cumprir créditos. A partir desse problema, justifico a experiência com classe de 30 alunos pertencentes a várias áreas de conhecimento da Universidade que optam, dentro de um elenco de disciplinas oferecidas, por freqüentar um curso de Ética, com duração de 17 horas. A atenção para os conceitos do campo da Ética é cultivada, principalmente, pela exibição de filmes e de trabalho com textos curtos de caráter filosófico divulgados pela grande imprensa. Os resultados dos cursos realizados até agora têm mostrado que os cursos vêm conseguindo dar subsídios teóricos para os alunos e fazer com que eles tenham compreensão do campo da Ética.

Palavras-chave: *Ética, ensino, metodologia, cinema.*

ABSTRACT

The text aims to report the pedagogical experiment of teaching Ethics to a group of university students in a course denominated Práticas de Formação in PUC-Campinas. Initially it is important to inform that it is quite difficult to teach Philosophy to classes with a great number of students in the sense that there is no space to discuss concepts within a situation that many of these students are only interested in taking the class hours they need. Therefore, it is possible to justify the experience of a classroom with

⁽¹⁾ Mestre em Ética. Professora da PUC-Campinas – mleticiapj@puc-campinas.edu.br

Trabalho apresentado em 2004, no I Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências. Universidade Federal de Santa Maria – RGS.

only 30 students, from different areas in the University, that actually choose the take an Ethics course, of 17 hours. The importance given to Ethical concepts is cultivated mainly with the exhibition of films and work with short texts of philosophical character published by the press. The results have showed that the courses have been managing to give theoretical base to the students and making them understand more about Ethics itself.

Key-words: *Ethic, teaching, methodology, cinema.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências sobre cursos de Ética por mim ministrados e realizados como “Práticas de Formação” com alunos universitários da PUC-Campinas.

Inicialmente, é necessário que se esclareça o que são as “Práticas de Formação” na PUC-Campinas. No ano 2000 iniciou-se a implantação de uma reforma na grade curricular de todos os cursos existentes na Universidade. Esta reforma criou também uma modalidade de ensino visando oferecer um leque de disciplinas com conteúdos diversos (“de cunho desportivo, artístico, cultural, técnico-científico, religioso, etc”) de modo a fornecer uma formação múltipla e variada para os alunos da Universidade, “contribuindo para sua formação acadêmica e humana”. Deste modo, por exemplo, um aluno de Engenharia poderia fazer uma prática de formação em artes, ou em educação física, ou em história, etc.

Da perspectiva administrativa, essas práticas são consideradas obrigatórias, ou seja, é necessário que, a cada ano, o aluno cumpra uma carga horária de 34 horas. O aluno, no entanto, pode escolher a prática que quer cursar. O regime de frequência é o mesmo que o das aulas regulares, ou seja, é necessário que se tenha 75% de frequência. A avaliação, entretanto, não é expressa por notas, mas simplesmente através das categorias: satisfatório, não satisfatório.

Em função desta nova estrutura curricular foi solicitado aos professores que propusessem projetos de cursos que, devidamente avaliados e aprovados, poderiam fazer parte do elenco de práticas de formação oferecidas aos alunos que estariam iniciando uma faculdade com grade curricular já reformulada em 2000. Propus um curso de Ética para ser dado no 2º semestre de 2000, denominado Mini-curso de Ética, em razão de

ser dado em 17 horas-aula. A razão inicial para a proposição desta Prática foi poder realizar uma experiência pedagógica com alunos que optariam por frequentar este curso e que a classe seria composta por um grupo de 30 estudantes (número mínimo aceitável pela Administração da Universidade). Outros fatores se mostraram, também, fundamentais: a abordagem prática dos cursos, diminuindo assim o compromisso de leituras teóricas, que normalmente fazem parte de uma disciplina de Filosofia na grade curricular universitária, e o modo de avaliação proposto para estas práticas que resultaria na diminuição da tensão e ansiedade presentes nos cursos regulares, por ocasião das verificações de aprendizagem.

A justificativa acima dada para que eu propusesse um conteúdo filosófico – a Ética – como prática de formação sugere, sem deixar explícita, a dificuldade de dar aulas regulares de Filosofia na grade curricular de uma faculdade que não seja a de Filosofia, pois, nesses casos, há um grande número de alunos por sala de aula, o programa é bastante extenso, e a disciplina não pertence ao núcleo de matérias básicas da faculdade. Em um curso com um número de alunos superior a 30, diz Obiols (2003, p.131), torna-se difícil a necessária interação entre professor e aluno e, também, o exercício do debate apoiado no método filosófico de análise criteriosa de um conteúdo.

Um curso de Ética como prática de formação poderia ser, então, como um laboratório, onde eu poderia experimentar a receptividade dos alunos à Filosofia. O fato de a classe ser composta por 30 alunos favoreceria, ou possibilitaria, o acompanhamento dos trabalhos em grupos e a finalização dos debates.

1. ESTRUTURA TEÓRICA E METODOLOGIA

Normalmente, nos cursos regulares, o conteúdo programático contempla uma variedade

de problemas da filosofia ou a própria história da filosofia de uma forma bastante abrangente – da filosofia antiga à filosofia contemporânea – e o professor tem que buscar cumprir o máximo do programa proposto. Desta forma, é difícil trabalhar a filosofia no seu sentido mais profundo, que é o exercício da reflexão, o filosofar. Com o intuito de buscar caminhos para o ensino da Filosofia muitos pontos são debatidos. Em primeiro lugar: o que é o filosofar? E, em seguida: como se ensina a filosofar?

Para várias tendências contemporâneas, o filosofar se prende à formação de habilidades que se referem ao pensar. Com este objetivo, como nota Obiols (2003, p.123-124), se enfatiza a necessidade de incluir conteúdos procedimentais e atitudinais, deixando de lado a importância dos conteúdos conceituais. Nesta perspectiva, o professor se serve dos textos filosóficos quase que como pretexto para o trabalho crítico de “realizar esquemas conceituais, comparar teses filosóficas, explicitar critérios que se acham implícitos em classificações, caracterizações e/ou definições em textos filosóficos”. O mesmo acontece quando se pretende desenvolver habilidades atitudinais. O conteúdo atitudinal visa criar no aluno a capacidade – entre outras – de ouvir, de repensar posições tomadas. Nestes casos, o conteúdo conceitual exposto nos textos passa a ser minimizado. A ênfase no aspecto procedimental aprimora e treina o raciocínio, a ênfase no aspecto atitudinal, treina o diálogo, e, assim, a discussão do conceito fica muitas vezes obscurecida. Pode-se compreender esta posição, se lembrarmos que durante muito tempo se entendeu que os conceitos passados pelos textos eram para ser apreendidos e assimilados pelos alunos e não deveriam ser criticados, e que o ensino da história da filosofia costumava apenas apresentar uma série de autores e datas, provendo uma base cultural para o aluno. Essa forma de ensino da filosofia propiciava a erudição, não conseguindo despertar interesse sobre as questões que preocuparam os pensadores. Para Severino (2003, p.54), o ensino se inclinou para o historicismo, quando deveria realçar a historicidade do conhecimento.

Como se dá o filosofar no curso em foco? Entendo que os conceitos são o mais importante a se destacar, embora para se trabalhar com conceitos seja necessário a mediação dos procedimentos

filosóficos, percorrer os caminhos clássicos da filosofia que são a reflexão, a crítica para pensar o pensado, discutir os pressupostos daquilo que é dado como certo, estranhar aquilo que é cotidiano e parece natural.

O curso proposto, como se depreende pelo título, aborda um único problema da filosofia e, apesar do tempo mínimo, pretende, através da estratégia do uso de filmes, criar um ambiente para a aquisição de conceitos e para a reflexão. Este tipo de abordagem não se apresenta como recurso novo, sendo sua utilização bastante discutida. Para Ana Paula Figueras (citada por Obiols, 2003, p.126-127) a abordagem concreta visa sensibilizar os alunos, uma vez que estes se apóiam muito em referências particulares, vividas, e não se ligam a abordagens abstratas, puramente conceituais: “Nossos jovens não consolidaram um pensamento formal e sua maneira de resolver problemas é muito condicionada por suas idéias prévias, por variáveis de interesse e motivações pessoais”.

Lorieri (2002, p.72), ao discutir a utilização de filmes e textos em sala de aula, alerta que a exibição de filmes tem de aparecer como “contexto de investigação” e não pode se esgotar em si mesma. É necessário que se tenha parâmetros para a análise e discussão para que o recurso pedagógico não se anule.

Assim, preparei um roteiro teórico básico reunindo informações mínimas para a identificação do campo da Ética, diferenciando-a do campo do direito e do campo da religião. Os elementos pertencentes ao campo da ética foram arrolados: ação humana, finalidade, Bem, dever, juízo moral, senso moral, certo, errado, liberdade, autonomia, responsabilidade, respeito, dignidade, justiça, o que é o homem.

Para esta experiência pedagógica fui selecionando os filmes e textos que poderiam servir como contextos a partir dos quais se daria o levantamento, ou o reconhecimento dos conceitos envolvidos com o campo da Ética.

O curso é realizado em 5 dias no período da manhã dos sábados, ou seja, fora do horário das aulas regulares. O primeiro dia de trabalho se inicia com a apresentação da professora, dos objetivos do curso e com a apresentação dos alunos. É apresentada a proposta de trabalho e da avaliação.

O conteúdo tem início neste primeiro dia, no qual apresento o campo da Ética, sua historicidade e seus conceitos fundamentais. Defino a ética como um campo de reflexões filosóficas sobre o agir humano, com seus pensadores e escolas; mostrando a relação entre a reflexão e o momento histórico-social vivido, e o repensar dos vários temas éticos nos vários momentos históricos.

Nos outros três dias do curso a aula é dividida em três momentos: 1. exposição teórica de alguns dos conceitos apresentados no primeiro encontro, a apresentação do trabalho a ser feito a partir do filme ou do texto que contextualizará os conceitos; 2. a própria exibição do filme ou leitura de texto; 3. discussão do filme ou de texto, em função do trabalho pedido.

O último dia de trabalho é dedicado à avaliação. Esta consiste na apresentação de um trabalho em que o aluno deve considerar uma situação qualquer que possa ser examinada sob a perspectiva dos conceitos que foram sendo trabalhados durante o curso. A situação escolhida para objeto de análise pode ser um fato vivenciado pelo estudante ou um fato do qual ele tomou conhecimento a partir da mídia ou por outro meio qualquer. Os alunos fazem também uma avaliação sobre o curso.

1.1 Considerações sobre a Ética

Qual o propósito mais profundo do filosofar e, especialmente, qual o propósito da reflexão no campo da Ética? Severino (2003, p.51-52) mostra que as respostas às questões levam a uma mesma direção: a interrogação sobre a “intencionalização da existência”. Para ele, “por hipótese todos deveriam estar pensando na intencionalização de suas existências”. No entanto, como realça Severino, “a busca do sentido não é única e exclusivamente um problema do sujeito individual...ela é sempre ligada à esfera do sujeito coletivo, histórico e social”. O filósofo destaca que o conhecimento tem compromisso “com a construção da cidadania, entendida como forma de existência adequada no âmbito da *pólis*, adequada porque realizando uma necessária qualidade de vida”.

Considero que haja duas dimensões no tratamento da ética: a dimensão social mais ampla, em que são discutidas as noções de justiça social, direitos humanos, cidadania, e a dimensão inter-humana, ou seja, aquela que considera o sujeito da ação ética, e nesta dimensão o que se discute são noções como as de responsabilidade, respeito, dever. Falar em duas dimensões, evidentemente, tem função de realçar um ou outro aspecto da vida humana, que na prática devem ser considerados indissociáveis.

A primeira dimensão é mais enfatizada nos currículos do que a segunda. A orientação para isso provém de várias fontes: de organismos internacionais², do Ministério da Educação – através da LDB – e, também se verifica no plano institucional da Puc, através de seu Projeto Pedagógico e de uma forma particular, nas aulas de Antropologia Teológica. A dimensão inter-humana não é tematizada freqüentemente na sala de aula, no entanto, tem sua importância, sendo objeto de considerações de algumas correntes contemporâneas. Segundo Mounier, “é necessário inserir a pessoa no centro da discussão teórica e da discussão prática”.

O posicionamento diante do campo da ética nos remete necessariamente a uma antropologia filosófica em que se pensa o homem, a vida, e aquilo que nesta se apresenta como mais importante. Morais (1989, p.125), lembra Kant para se posicionar quanto ao que é “mais importante na vida”, o respeito, e complementa: “respeito no sentido de responsabilidade, entendida como a necessidade de um cidadão responder por si mesmo e pelos seus semelhantes numa dimensão de resistência à degeneração da qualidade de vida e de disposição constante de aumentar, ainda que por ações aparentemente pequenas, essa mesma qualidade”.

A orientação teórica que busquei dar ao curso para embasar o tratamento da dimensão inter-humana foi dada pelo imperativo categórico kantiano e pelas lições de Martin Buber sobre a relação *Eu e Tu* e *Eu-Iso*. Ao introduzir a obra de Buber [s.d.], Von Zuben lembra que “a relação *Eu e Tu* não é uma descrição fenomenológica das

⁽²⁾ Silvio Gallo em seu texto *Ética e cidadania no ensino da Filosofia* e Danilo Di Manno Almeida em *A Filosofia, a universidade e suas possibilidades: em torno da política e do mercado*, questionam os interesses que movem a aceitação do ensino da Filosofia no sistema educacional brasileiro.

atitudes do homem no mundo, ou simplesmente uma fenomenologia da palavra, mas é sobretudo uma ontologia da relação. (p.XL-XLI). Essa ontologia “será o fundamento para uma antropologia que se encaminha para a ética do inter-humano” (p.XLIV). A idéia dessa relação pode, também, numa projeção para a sociedade, inspirar a nossa compreensão sobre a posição das massas excluídas dos direitos básicos do homem, se as vemos como o pólo “Isso” numa relação que, de fato, não existe como tal, pois “o Eu não se dá ao isso”. Para Buber a relação *Eu e Tu* é o ato essencial de dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua, enquanto o *Eu-Isso* expressa uma atitude objetivante, em que o interesse unilateral é o que move a ação. Porém, na verdade (p.XLIX), o Tu não cria o Eu, o Eu é que é criado quando diz: tu, ou seja, cada ser humano tem de se abrir ao outro, cumprindo o imperativo kantiano da não instrumentalização.

Meu posicionamento quanto ao “ensino” da Ética orientou a escolha dos filmes a serem trabalhados, de modo que há filmes (Ilha das flores, Os esquecidos) em que se destaca a dimensão social e há filmes (Os boas-vidas, A Isca, O dia em que Dorival encarou a guarda) em que é marcante a dimensão do inter-humano, e dentre esses há os que põem em relevo as duas dimensões (O dia em que Dorival encarou a guarda, Os esquecidos). Em relação aos textos lidos, pode-se dizer que todos tratam os dois aspectos da vida ética. Os textos escolhidos foram retirados do livro de Jurandir Freire da Costa: *Razões públicas, emoções privadas*, que tematiza o individualismo como marca da sociedade contemporânea (*A inocente face do terror, A lógica oculta da desrazão e Descaminhos do caráter*). Além desses, um texto de Contardo Calligaris é usado para colocar em discussão a ação do indivíduo em uma sociedade que não tem clareza sobre seus fins: *Regras para indigentes morais*. Este texto possibilita a abordagem dos pressupostos da proposição de uma Ética profissional, ou seja, da necessidade de se estabelecer claramente como deve ser a ação das pessoas dentro de um certo âmbito. Esse monitoramento é feito por meio de regras minuciosas, na medida em que se conta com a falta de formação das pessoas, ou de sua disposição de só agir da forma “adequada” quando controladas.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Do 2º semestre de 2000 até o presente semestre ministrei 6 cursos de ética como prática de formação. A origem dos alunos (que faculdade frequentam) é muito diversa e somente em alguns cursos tive alunos já iniciados nesta discussão: 5 alunos de Filosofia (em dois cursos) e 7 alunos de Teologia (em um único curso; no entanto, nas 6 práticas já realizadas, houve participação de alunos da Faculdade de Direito. Em relação à motivação pelo conteúdo e pelo curso, noto que há também uma variação dentro de cada grupo formado. Há escolhas em primeira, em segunda e em terceira opção. No entanto, feita a opção, e por ocasião de sua auto-apresentação no primeiro dia da prática, noto que é grande a expectativa do aluno sobre um conteúdo que fale de coisas contemporâneas. Seu interesse pelo assunto é despertado pelo noticiário a respeito de ações políticas e a respeito de fatos que ocorrem no ambiente midiático e, nesse âmbito, são as posturas, as atitudes aí tomadas que os incomodam. Há, também, pelo fato de muitos alunos já trabalharem, uma demanda forte sobre a questão da ética profissional. Os alunos estão sensibilizados por estas questões, e noto que algumas vezes se põem na condição de pessoas que têm responsabilidades sociais para com outros, e, em outros momentos, se colocam na posição de injustiçados, reclamando direitos.

O trabalho com os filmes é bastante rico, devido à complexidade do campo em estudo que permite inúmeras possibilidades de intervenção e discussão. Assim, partindo do horizonte da relação *Eu e Tu*, da antropologia da relação, entramos, dependendo do filme trabalhado, em conceitos bastante problemáticos, como: É possível aos excluídos, ao pólo “Isso”, desenvolver uma abertura para “o outro”, ou, em outras palavras: Em que medida é possível para quem não tem direito algum, formar pessoas, constituir um “Eu” que pode se abrir ao “tu”? É o que trabalhamos no filme *Os esquecidos*. O próprio título já mostra o grupo social focalizado por Buñuel na cidade do México, nos anos 50. Nesse grupo, as relações internas reproduzem a objetivação que eles próprios sofrem por parte da sociedade mais ampla: a criança que não pode comer se não trabalhar e não trazer dinheiro para casa, a mãe que não ama o filho porque o filho foi

produto de uma violência que ela própria sofreu quando adolescente; o músico cego que é agredido por adolescentes de rua, mas que, por sua vez, explora a criança que lhe serve de guia e que tenta molestar a menina que lhe leva leite. No filme, se cruzam as duas dimensões da vida ética quando, por exemplo, em uma cena, o educador de um reformatório para adolescentes pondera que se não houvesse miséria, muitos dos problemas existentes poderiam ser resolvidos. Outros conceitos podem ser trabalhados como, por exemplo, o de “senso moral”, e aí, mais uma vez, a questão da formação da pessoa como cidadã, ou seja, compartilhando de uma sociedade e de uma cultura.

Essa discussão se complica, porque não é só a exclusão que impede a formação para se tornar pessoa, para a relação *Eu e tu* e para a cidadania. Essa questão é mostrada na leitura do texto *A inocente face do terror*, em que Jurandir Freire da Costa comenta o assassinato do índio Galdino por adolescentes da classe média: fica bem clara a negação do outro, não há “Tu”. O problema, neste caso, é que houve a educação formal, mas talvez (?) não tenha havido, tal como suspeita o autor do texto, a formação da pessoa humana. Vivencia-se o vazio, a perda de sentido, não se focaliza a idéia do Bem, e tudo isso já em relação a outra circunstância existencial, não a da exclusão, a da fome, mas a da abundância, a da vivência do estado de privilégio.

Dois outros filmes também mostram a negação do outro. O curta *O dia em que Dorival encarou a guarda* conta a história de um preso que busca tomar um banho, porque sente muito calor. Ele está em uma cela de uma pequena delegacia e tenta dialogar com policiais das mais variadas patentes – numa hierarquia ascendente, mas sua voz não é “ouvida”, porque haveria uma recomendação para que ele não pudesse sair para tomar banho. É mais fácil para todos os envolvidos sustentar que há essa ordem do que verificar a procedência de tal ordem. Ao final, ele é surrado por um pequeno grupo de policiais; a cela se enche de sangue e o delegado manda que lavem a cela e o preso. Este filme, que se constrói sobre uma tensão crescente, nos faz interrogar sobre as barreiras que os homens constroem entre si pelos mais diversos motivos. O respeito, dentro da diversidade de posições não é observado.

Comento, finalmente, o filme “A Isca”, que focaliza um segmento social de grande poder. O filme denuncia o consumismo que dirige a vida de um grupo de jovens. Neste caso, a relação (?) *Eu-Isso* se dá na relação entre uma jovem, de cerca de 20 anos, e homens bem situados economicamente. A idéia, tal como no caso comentado por Freire da Costa, é expressar o abandono dos valores tradicionais, como, por exemplo, o de solidariedade, e sua substituição por valores que visam apenas o bem-estar imediato dos indivíduos através do consumo. A vida, nesses casos, passa a ser regida por imagens, por valores superficiais. Neste filme, podemos destacar inúmeras situações em que as relações entre pessoas podem ser identificadas como relações do tipo *Eu-Isso*, como, por exemplo, a expressa na cena em que o namorado da jovem se prepara para executar a vítima. Esta inicia uma conversa, em que busca encontrar pontos comuns com o jovem – a ascendência judaica. Reconhecer a vítima como pessoa é o que angustia o assassino, e fugir dessa confirmação, fechando sua boca e não a olhando nos olhos, é a solução para que a vítima não chegue à condição de *Outro*, e se torne coisa novamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desses cursos têm mostrado, até aqui, que, os estudantes, segundo sua própria manifestação, têm tido “uma outra noção de Ética”, dado que para muitos Ética estava ligada à normatividade. A discussão sobre as relações inter-humanas baseadas no conceito kantiano de respeito e no conceito de reciprocidade implícito nas relações *Eu e Tu* sugere que toda norma e todo valor têm pressupostos e visam algum Fim; e que ao discutirmos pressupostos e finalidades possibilitamos um posicionamento mais livre, mais consciente diante das normas. Deixamos de lado a heteronomia para um verdadeiro posicionamento ético.

Abordar esses assuntos, de uma forma razoável, só foi possível a partir das condições relatadas neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Danilo Di Manno. A filosofia, a universidade e suas possibilidades: em torno da política e do mercado. In:

GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, N. (org.) **Filosofia do ensino da Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003. V.II. (col. Filosofia na Escola).

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2.ed. rev. São Paulo: Moraes. [s.d]. Introdução e Tradução de Newton Aquiles Von Zuben.

GALLO, Silvio. Ética e cidadania no ensino da filosofia. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, N. (org.) **Filosofia do ensino da Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003. V.II. (col. Filosofia na Escola).

LORIERI, Marcos A. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORAIS, Regis. Discurso humano e discurso filosófico. In: (org.) **Filosofia, educação e sociedade**. Campinas: Papirus, 1989.

OBIOIS, Guillermo A. O ensino de Filosofia na Argentina: apresentação, problemas e perspectivas. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, N. (org.) **Filosofia do ensino da Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003. V.II. (col. Filosofia na Escola).

SEVERINO, Antonio J. O ensino de filosofia: historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem. In:

GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, N. (org.) **Filosofia do ensino da Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003. V.II. (col. Filosofia na Escola).

FILMES E TEXTOS TRABALHADOS

A ISCA – Origem: França. Dir.: Bertrand Tavernier.

ILHA DAS FLORES – Dir.: Jorge Furtado, origem: Brasil. Encontrado na fita: Curta os gaúchos.

ODIA EM QUE DORIVAL ENCAROU A GUARDA – Encontrado na fita: Curta os gaúchos.

OS BOAS VIDAS – Dir.: F. Fellini, Origem: Itália, ano: 1953, duração: 89 min.

OS ESQUECIDOS – Dir.: Bunuel, origem: México, ano: [195-?].

Textos:

CALLIGARI, C. Regras para indigentes morais. **Folha de São Paulo**, [199-].

COSTA, Jurandir Freire. **Razões públicas, emoções privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, [199-].

